

A RODA QUE SAIU DOS EIXOS

escreveu Arsénio Mota ilustrou Luísa Brandão



EDIÇÕES ASA

A RODA QUE SAIU DOS EIXOS

escreveu Arsênio Mota
ilustrou Luísa Brandão



EDIÇÕES ASA
-9.MAR 99 000470



A RODA
QUE SAIU DOS EIXOS

escritores Anísio Mota
Ilustrações Lúcio Borges

bibRIA



EDICÔES ASA
000000

A CORÇA E O VEADO

A corça bebia água no regato que deslizava entre as árvores. Arrebitou as orelhas ao ouvir um barulho que lhe pareceu esquisito. Lançou a linda cabeça para trás e viu um veado a correr alegremente na sua direcção. Assustou-se, então, e fugiu.

As suas pernas finas saltavam sobre a relva verde com elegância, em saltos perfeitos. O sol, que aquecia a floresta, brilhava no seu pêlo luzidio.

O veado corria atrás dela, à distância de poucos passos. De vez em quando, a corça virava a cabeça para saber se ele ainda a seguia, se estava mais perto ou mais longe.

O perseguidor não ficava para trás e a corça deu mais força às pernas. Até parecia voar pelos ares, com o vento. Deu uma volta completa e tornou ao sítio onde estivera a beber.

Não parou ali. Pelo contrário, transpôs o regato com um dos seus lindos saltos, que mais lembravam uma dançarina em movimento do que um animal em fuga.

O veado continuava a correr, alguns passos atrás, e ela receava que pudesse querer fazer-lhe mal. Que mal? Nem sabia o quê.

Por isso continuou a correr através das clareiras da floresta, que o sol quentinho iluminava num arrebol esplendoroso.

A corça sentia os músculos das suas pernas a trabalhar, a rodar, a mexer, impelindo-a para diante. Ainda não tinha dado uma corridinha naquela manhã e era bom, sentia-se contente.

O veado também devia gostar de correr porque a perseguia feito burro teimoso. Portanto, ela continuou a fugir-lhe. Tinha o corpo ágil e perfeito como uma máquina bem construída, não ia deixar-se vencer!

A corça pisava a relva fofa e verdinha, calcava florzinhas cheirosas e ramos caídos no chão, e a sua corrida já ia pelo meio das árvores da floresta fechada.

Dava saltos no ar, esticando as quatro pernas quase ao mesmo tempo, e parecia seta em voo e bailarina no palco do teatro, cheia de elegância. O veado corria atrás e também saltava, esticando as pernas quase ao mesmo tempo. Esforçava-se por chegar à beira da grande corredora e ou não podia alcançá-la, ou não tinha pressa.

Os outros paravam ao vê-los passar e seguiam-nos com os olhos, desejando por certo darem também uma boa corrida. Mas, preguiçosos, adiavam isso para mais tarde...

Por fim, depois de muito correr, a corça apressava a respiração, bufando à pressa pelo nariz. Olhava para trás, já sem inquietação. O receio ia desaparecendo dos seus olhos meigos e pestanudos. Que motivo teria



ela para assim fugir do veado que a perseguia? Pensou e não descobriu nenhum. Desatara a correr, a princípio, por nada. Apetecera-lhe, simplesmente.

Nunca veado algum lhe fizera mal. Nem conseguia lembrar-se de uma partida, quanto mais de uma maldade praticada por um único veado!

Mas porque a perseguia então o diabrete através do prado e do bosque?

Enfim, resolveu encaminhar-se para o regato onde ia sempre beber.

Pensou então que o veado talvez gostasse também de correr como ela corria, de esticar as pernas para sentir os músculos a trabalhar, a rodar, a mexer. Talvez tivesse corrido na sua direcção, a princípio, querendo brincar, fazer-lhe uma festa, tocar-lhe no focinho com o seu focinho.

A corça olhou com simpatia para o perseguidor. Corriam e saltavam os dois, um atrás do outro, pelo prado que se estendia nos dois lados do regato e, de repente, mais pareciam velhos amigos, um par perfeito, do que um animal a fugir do outro.

Puseram-se lado a lado e, calmos, foram beber mais um bocadinho de água cristalina. Estava a ficar um dia quente naquela manhã!

Um toque de focinho a pingar água no outro focinho húmido e fresco selou entre os dois a amizade.

A GAITA DE FIGUEIRA

O meu avô pegou-me na mão e disse: Queres vir comigo?

O cão abanou o rabo, ladrou de contentamento e correu para nós. Também queria passeio.

Íamos pelo caminho principal da aldeia quando uma voz chamou o meu avô pelo nome. Parámos à porta de uma oficina escura. Lá dentro um homem segurava com tenazes uma ponta de ferro em brasa.

Era o ferreiro. Explicou ao meu avô que ia demorar mais uns dias a construir a cancela que ele queria para colocar no quintal: no dia seguinte havia festa na aldeia e, em vez do trabalho, o ferreiro estava a fazer uma gaita nova para tocar na romaria.

O homem ia falando e, enquanto falava, extraía do monte de carvão que ardia na forja, ao sopro do fole, aquela ponta de ferro aguçado presa nos dentes das tenazes. Brilhava como uma chispa arrancada ao sol poente e, num instante, o ferreiro espetava-a num pau redondo e liso que tinha apertado no torno.

Quando o ferro em brasa penetrava na madeira, saía fumo e ouvia-se um frigrir como se o ferro ou a madeira de repente tivessem frio. O ferreiro tirava o espeto já sem brilho e tornava a colocá-lo no lume e, quando o via de novo em brasa, ia cravá-lo outra vez no pau, onde ficaram alinhados sete buraquinhos pretos e redondos como olhos de pessoas vivas com pressa de cantar.

O ferreiro disse que o pau era um ramo de figueira do seu quintal. Tinha-o escolhido muito bem — era entendido no assunto, todos os anos fazia uma gaita nova. Depois cortara o ramo, abrira-lhe um fuo ao com-prido e agora, com os sete buracos abertos, estava quase pronto. Ia ser uma festa!

E foi mesmo, digo-o eu que estive lá para ver. No dia seguinte, no meio do arraial, o ferreiro tocou a sua gaita e reinou a alegria. Até os pássaros e o vento se calaram para ouvir, sentindo, por certo, que tocava ali o antigo ramo de figueira onde os pássaros pousavam a cantar entre os figos maduros com pingos de mel a escorrer e a brisa se amaciava ao mexer nas suas folhas.

Uma menina, que se perdera dos pais, tornou a encontrá-los na romaria. Dois homens que, zangados, discutiam, acalmaram-se e apertaram-se as mãos. Outro homem, que batia desalmadamente no seu pobre asno, querendo tirar depressa do arraial a carroça que o animal puxava, abraçou-se ao seu pescoço e, a chorar, chamou-lhe «meu irmão burro». Era a maravilha da música a espalhar-se.

Cada som que o ferreiro, soprando, fazia sair da gaita era leve como



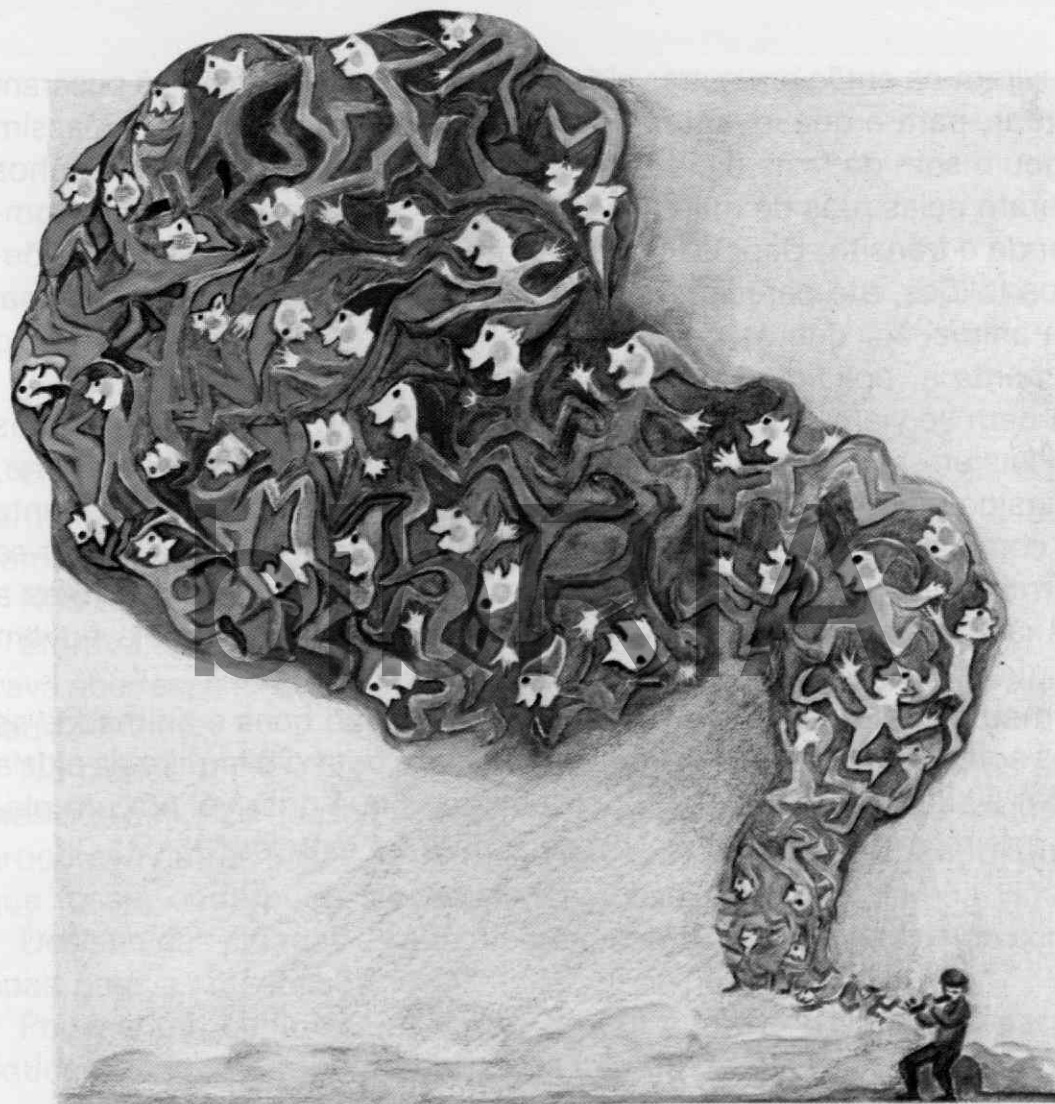
a respiração do seu fole ou ardente como as brasas da sua forja, ou alegre e forte como ele, o tocador.

Eu via as notas de cada cantiga, como anõezinhos foliões, aparecerem e saltarem, uma a uma, dos sete buracos redondos que as pontas dos dedos tapavam ou destapavam, e parecia-me que as notas nasciam dentro daquele ramo de figueira, de onde partiam contentes, em tarde de romaria, acordadas pelo sopro mágico do tocador.

Aquele bocado de figueira estava cheio de música da terra e do fogo, dos pássaros e do vento, e a maravilha prosseguia, prosseguia sempre porque as cantigas corriam umas atrás das outras e arrastavam-nos consigo a assobiar.

Os anõezinhos das notas musicais jorravam, sempre em folia, das sete fontes que não secavam e eram das cores do arco-íris. Faziam piruetas no ar, corriam, rindo, em cabriolas para se dependurarem nas nossas orelhas como se fossem brincos luzídios, brincavam escorregando pelos nossos ombros como se eles fossem uma montanha russa, davam-nos beijos repenicados nas faces. E rodopiavam como cavalinhos de carrocel à volta do tocador até que, juntos e cansados, formavam uma nuvem azul sempre a crescer.

Juntaram-se os anõezinhos da gaita a outros de muitas outras gaitas que também começaram a tocar, porque o ferreiro fizera muitas em todos aqueles anos e elas acabaram por se acordarem umas às outras para a romaria. Rodearam a aldeia numa animação louca; era toda uma cantiga harmoniosa e alegre que nela se ouvia, e depois começou a soar com força através dos montes.



Ouviram-na então em outras aldeias vizinhas, que também se puseram a cantar, para o que inventaram um dia de perpétua romaria. E assim chegou o som da festa à cidade tristonha, onde grupos de anõezinhos correram pelas ruas de mãos dadas a fazer cócegas às pessoas, complicando o trânsito. Depois todo o país começou a encher-se dos anõezinhos foliões, até pareciam uma praga. Alguns turistas acharam mal tanta animação, que os cansava, mas logo a romaria estendeu-se ao continente e, por fim, ao mundo inteiro!

Já nem se viam o ferreiro a tocar a gaita e os anõezinhos das notas musicais em nuvem azul sempre a crescer naquela aldeia sem nome, perdida no meio dos montes, longe da cidade, no país de um continente que, com os restantes, estava em festa, mas a gaita continuava a ouvir-se no arraial, isso garanto eu. Já nem se via também a multidão (mas a festa ia cada vez melhor), tanta gente metida dentro daquela nuvem azul que subia, subia até desaparecer no ar...

O meu avô disse-me, e eu acredito, que só são boas e animadas as festas aonde chega aquela nuvem azul que leva dentro o ferreiro da aldeia a tocar a sua gaita de figueira, porque só assim é possível pôr um planeta inteiro a cantar no meio do céu, para as estrelas...

ERA UMA VEZ UMA MOSCA

Era uma vez uma mosca. Tinha um único problema mas ele era de tamanho grande: sentia que ninguém a queria e que todos a detestavam. Será uma mosquinha assim tão feia, tão insuportável?

Não se convencia!

Entrava, voando, por portas e janelas das casas, quando as encontrava abertas, e logo as pessoas a queriam enxotar, para que não sujasse nada.

Na cidade onde vivia, corriam tantos lixos, fumos e venenos pelos ares que a mosca quase nem podia voar. Não tinha melhor sorte quando procurava outras terras. Enfim, não descobria um lugarzinho, pequeno que fosse, onde pudesse passar em sossego os dias da sua vida.

Desistiu das cidades e seguiu para o campo. As aldeias ainda seriam boas para as moscas?

Poisava em cima de um burro, de um cão, ou de um boi, para se aquecer, e logo o rabo do burro, do cão ou do boi, como um chicote, a sacudia para longe. Que desconforto!



Os pássaros, as lagartixas e até os cães perseguiam-na, querendo comê-la, e a mosca não encontrava em lado nenhum o tal lugarzinho bom para viver. E sentia-se cada vez mais doente.

Um belo dia, a mosca aborreceu-se tanto com a sua vida triste que resolveu bater asas e partir para longe.

Meteu-se na carruagem de um comboio rápido que seguia para além-fronteiras e atravessava muitos países. Passou uns tempos deliciosos a ver, com os seus grandes olhos, lindas paisagens a desfilar pelo vidro da janela. Às vezes voava em redor da cabeça calva e quente de um senhor passageiro e divertia-se porque ele ficava nervoso.

—Anda mosca aqui, na primeira classe, e ninguém toma medidas? —reclamava, mas depois prosseguia a leitura do jornal e adormecia.

Estava a mosca muito entretida quando viu chegar uma outra. De tamanho grande, surgiu de roldão e parecia estonteada.

—Ora viva! — saudou.

A mosca recém-chegada demorou-se a retribuir o cumprimento:

—Ora viva. Uff!

—Está a chegar agora ao comboio?

—Sim, embarquei agora mesmo e nem estou em mim. Livrei-me de boa! Não aguentava mais na minha terra...

Eu, que sou uma pessoa normal, seguia naquele comboio rápido porque queria ir para o outro lado do mundo. Percebi que as duas mosquinhas iam entrar em grande conversa e pus-me à escuta.

—Não aguentava mais? Diga-me, companheira, qual era o problema que tinha na sua terra, porque o meu digo-lho em poucas palavras: no

sítio onde vivia, fosse na cidade ou fosse no campo, ninguém gostava de mim. Deitavam-me lixo e mais lixo, veneno e mais veneno. Sentia-me doente e só me restava morrer.

—Ai, eu queixo-me do contrário! No meu sítio, em vez de dificuldades, reinavam as facilidades. As moscas são aos milhões e milhões. Temos amigos de mais e quem pode viver assim? É horrível!

—Então, companheira, não quer que gostem de si?

—Quero que gostem um bocadinho, é claro, porque mais não é preciso. As moscas são seres naturais como qualquer pessoa, como os bichos e as plantas. Todos fazemos parte da mesma natureza e todos somos precisos. Mas não quero que gostem de mim em excesso! Isso não é bom para ninguém.

A outra mosca calou-se e ficou a pensar, esquecida da calva quente do senhor passageiro de primeira classe e das lindas paisagens que o comboio percorria. Não deve ter chegado a conclusão boa porque depois disse:

—Sabe, companheira, eu acho que temos gostos diferentes. Você gosta de morar num sítio como aquele de onde venho e eu, cá por mim, gosto de um sítio como aquele de onde você partiu. Portanto, parece-me que o melhor que temos a fazer é trocar de terras. Ficaremos com os nossos problemas resolvidos!

A outra mosca esfregou as patinhas na tromba, meneou a cabeça com delicadeza e bateu as asas para refrescar as ideias. Mas não era fácil...

—Eu sou uma mosca sem instrução e pouco viajada — respondeu por fim. — Mas sempre lhe digo, se a companheira quer ir viver para o sítio



que eu deixei há pouco, indico-lhe o caminho e pronto, arruma-se o assunto. Só tem que voltar para trás no próximo comboio. Fará como entender. Cá por mim, também gostava de experimentar viver na sua terra, talvez fosse bom apesar dos venenos e dos lixos. Mas parece-me que trocar o mal que lá existe pelo mal que existe no sítio de onde venho, não adianta nada. Como havemos nós de escolher entre dois excessos iguais? Penso que não é possível.

Resolvi meter-me na conversa das moscas. Para que elas me ouvissem tive de falar baixinho, tão baixinho que nem conseguia ouvir as minhas palavras.

Expliquei-lhes que eu queria ir para o outro lado do mundo, um lado completamente novo porque estava a ser inventado naquele mesmo instante. Não gostava de viver no lugar onde havia moscas a mais e também não gostava do lugar onde havia moscas a menos. Queria encontrar um mundo completo equilibrado e por isso seguia naquele comboio rápido.

Terminei o meu discurso dizendo o mais importante:

—Moscas amigas! Eu, tal como toda a gente, não morro de amores por vocês, porque sujam tudo, mas não caio no exagero de vos amaldiçoar como tanta gente faz. Portanto, convido-vos a virem comigo até ao outro lado do mundo!

E o nosso grupo cá vai indo de viagem: uma pessoa normal e duas moscas sensatas em busca de um mundo completo equilibrado!

EU, FAZEDOR DE BALÕES

Uma vez o meu pai pegou numa das folhas de papel que me dava para eu encher de rabiscos com a forma do que sentia mas não sabia explicar, pois só tinha uns dois anos. Virou-a para cima, virou-a para baixo, fez-se admirado e disse: "É uma pêra e peras!"

Corrigiu-se logo: "Vejam isto, o bebé desenhou um balão que parece uma pêra de pé no seu pé!"

Foi o primeiro que eu fiz e, desde então, sou dado a construir balões e a viajar neles. Mas hoje, já crescido, não sei mais do que sabia naquela altura, quer dizer, não percebo bem porque gosto de inventar balões desde que nasci.

Aquele que apareceu em cima do papel, como uma planta nova nascida da terra, fi-lo tão pequeno que a minha mãozinha mal cabia dentro dele. E serviu-me para voar pelos céus da varanda de casa!

O meu pai achou graça ao desenho, muito diferente dos outros que eu costumava fazer, e perguntou-me: "Queres andar de balão, não é? E como ainda não sabes pedir por boca, pedes por escrito. Ora aí está!"



Fez-me segurar a folha na mão, pegou em mim ao colo e levou-me, correndo, erguido nos seus braços.

O primeiro balão em que viajei fi-lo deste modo, com o desenho e o corpo do meu pai. Oh, foi tão bom que até penso, agora, que a brincadeira me fez gostar disso para sempre!

Passaram os anos, cresci e agora aqui vou de viagem, sozinho, a cerca de mil metros de altitude, num aparelho complicado que eu próprio construí para me meter nesta grande aventura.

Vou pelos ares a caminho de Yoknapatawapha County, uma terra misteriosa de que falam certos livros e que poderei encontrar em seis jornadas seguindo sem desvios a linha do Ocidente, por cima do mar.

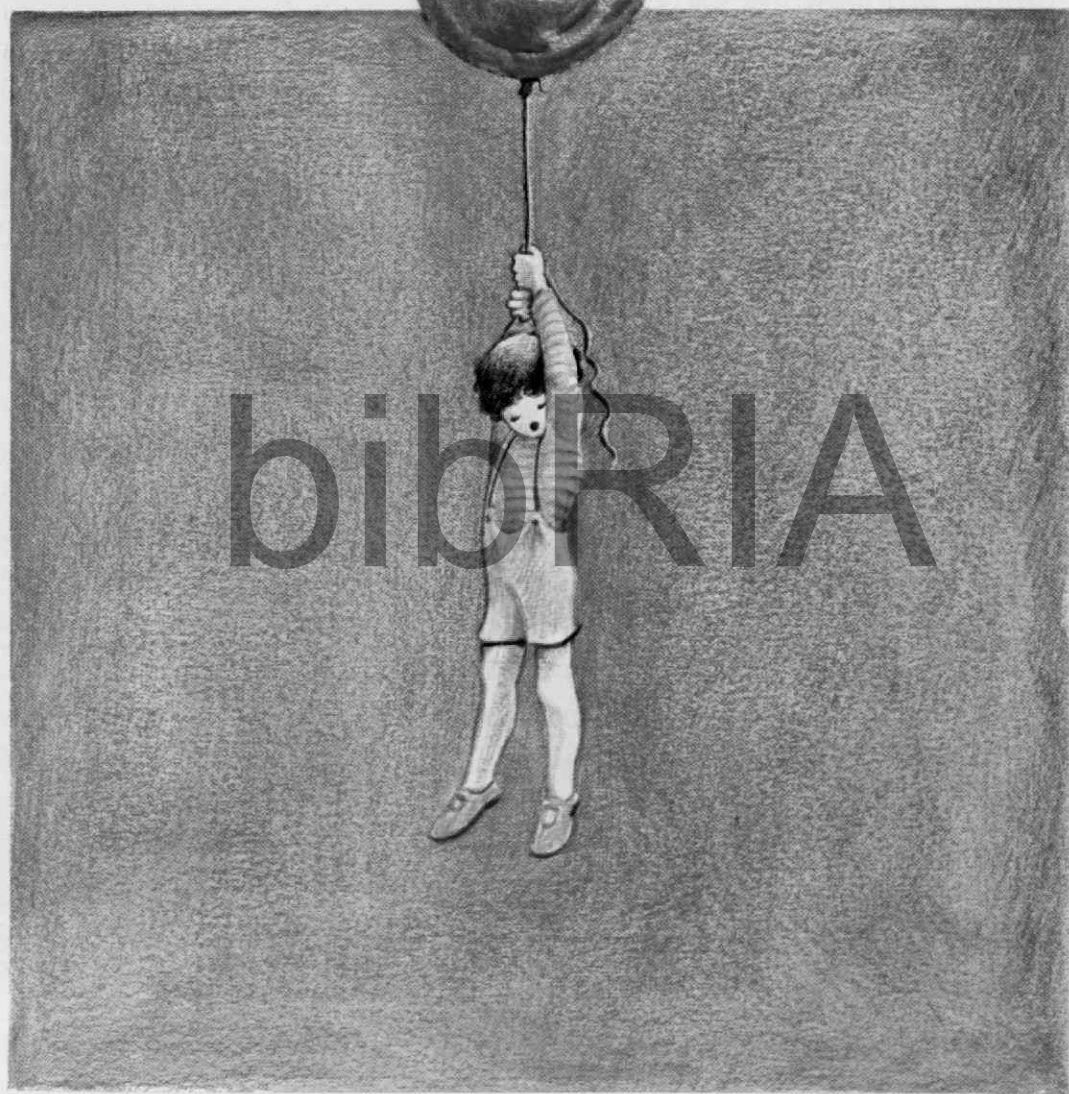
Disseram-me que lá poderia ter notícias da minha amiga Olga, desaparecida.

E eu nem sei o que voa com mais força nesta viagem: se o meu balão, empurrado por bom vento, se a esperança de encontrar e trazer a minha amiga.

Lembro-me: o meu segundo balão não o fiz por preguiça. Foi-me oferecido um domingo à tarde, à porta do jardim público. Era vermelho, um vermelho tão bonito que daria vontade de chorar se mo recusassem.

Tinha um cordel que o prendia na minha mão, mas soltou-me também, levando-me de viagem até ao longe. Que longe? Até onde os pensamentos chegam, a saltar como berlindes sem nos saírem da cabeça.

Só teve um defeito: durou pouco. Explodiu naquela mesma tarde. Um grupo de pessoas em grupo apertaram-me quando caminhava, eu rocei com o



balão por uma árvore de casca rugosa e... ploc!!!, rebentou em escamas a pele vibrante daquele balão, coração luzidio.

Resolvi então começar a fazê-los eu mais úteis e duradouros. E não foi fácil, não.

Aprendi a fazer balões para largar nas noites de S. João.

Arranjava uns metros de arame, fazia o esqueleto: primeiro a roda da base e depois quatro costelas arqueadas com o tamanho do balão que eu queria. Colava-lhe por cima umas tantas folhas de papel de cetim de várias cores e depois só carecia da mecha de estopa ensopada em petróleo, a arder no centro, para o ver subir pelos ares, como uma estrela colorida.

Fazê-los pequenos ou grandes como árvores divertia muito as pessoas grandes e pequenas, mas deixou de ser novidade para mim. Eu sonhava cada vez mais com um balão diferente, que fosse um pássaro grande, capaz de levar gente nas suas asas, em passeio. Mas ainda não sabia fazê-lo.

Até que Olga desapareceu.

Estava eu na praia, sentado numa rocha que se metia pelo mar como um dente no pão. Olhava para as ondas sem as ver, Olga não me saía do pensamento.

Uma sereia saltou de repente em cima das ondas, perto da rocha, e falou-me:

—O Mar, meu pai, é tão grande que não pode falar contigo. Manda-me, por isso, dizer-te o seguinte: água e ar são iguais para navegar. Assim como há navios para o oceano, há navios para o vento. Se queres

ir salvar a tua amiga Olga, faz um balão que seja um bom navio para com ele navegares como os pássaros.

—Onde está ela?—perguntei.

—Vais encontrá-la do outro lado do Mar, em terras de Yoknapatawapha County, onde se escuta o som e a fúria do vento em palmeiras bravas.

—E como vou eu descobrir o caminho?

—O caminho faz-se, depois de estudar certos livros aconselhados noutros livros, em seis jornadas, seguindo sem desvio a linha do Ocidente, por cima do Mar.

A sereia disse-me isto e mergulhou, desaparecendo.

Estava a chover quando saí um dia da escola, sem abrigo nem nada. Fiquei à porta, a ver a água correndo por todos os lados e a pensar com desgosto que tanta água teria também de correr sobre mim.

Então uma menina parou à minha beira, de guarda-chuva cor-de-rosa aberto, e convidou-me para ir com ela para casa.

Era Olga, a minha nova vizinha. Assim nos conhecemos.

Naquele dia regressei a casa com um braço por cima do ombro de uma nova amizade.

O seu guarda-chuva era uma nuvem cor-de-rosa que serviu para três: ela, eu e a sua boneca.

Desde então ficámos amigos.

Velhos gigantes adamastores escondem-se nos oceanos e também nos ares, dentro de grossas nuvens. Não querem deixar-nos passar se temos medo, mas, se tivermos coragem para os vencermos, ficam eles com o medo e fogem para o seu lar, no pólo Norte.



Já lutei com um pequeno gigante, que envolveu o meu balão e o atormentou com ventos contrários e venci-o ao fim de umas horas.

Pior foi a luta que travei com um pássaro enorme e muito negro que apareceu no meu caminho. Gritou ameaças, avançou irritado com o bico para me picar e bater com as asas gigantescas, que abria e fechava como se fossem os portões de uma muralha. O balão dançava loucamente e eu estava em perigo, mas consegui agarrar no queimador de gás, abri ao máximo a torneira da garrafa e atingi a cabeça do monstro com um jacto de chamas. Foi um ar que se lhe deu!

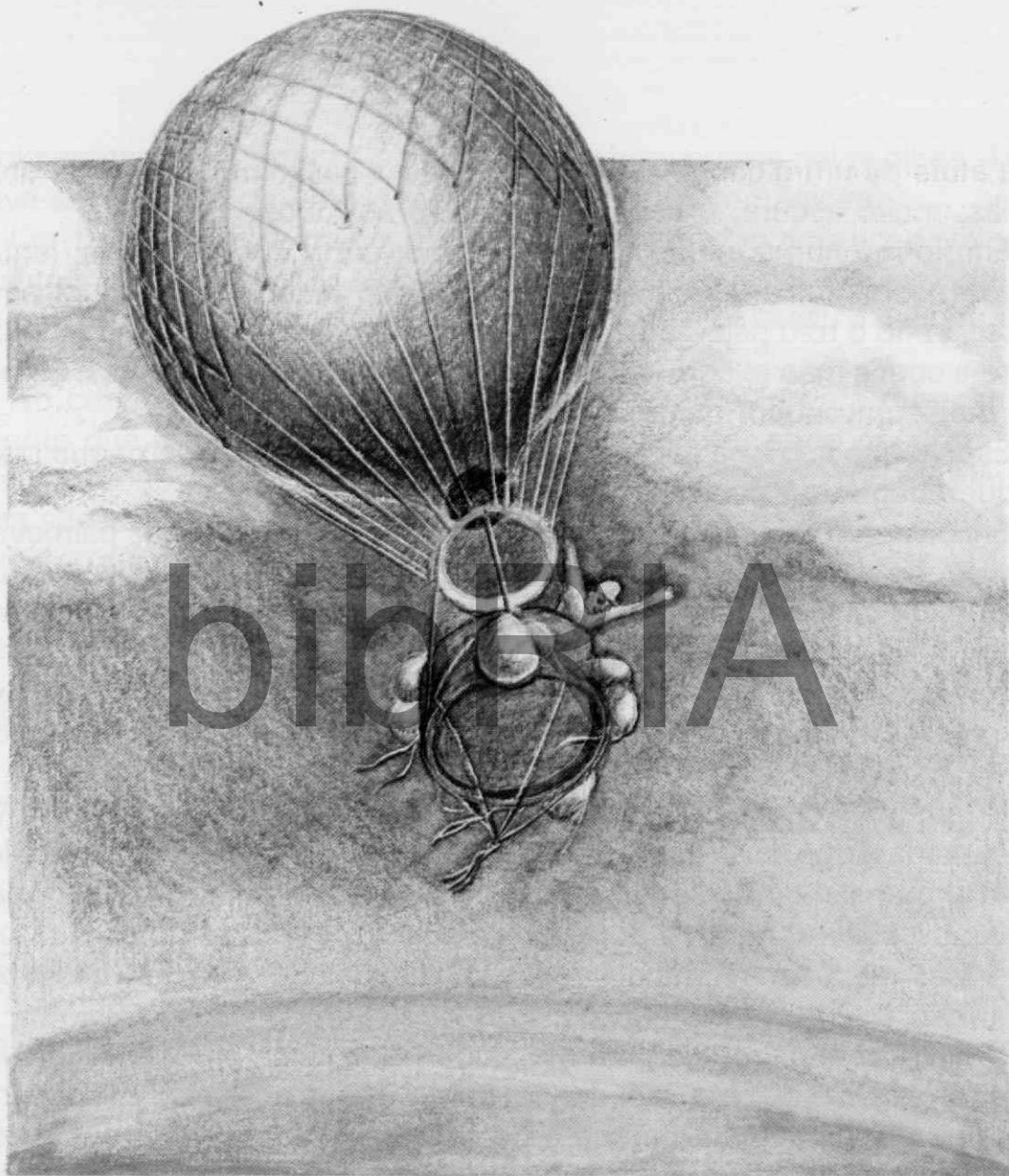
E cá vou sem novidade.

Faço a viagem sozinho e ainda bem. Minha irmã Telma queria vir comigo e ajudar a descobrir Olga, eu pensei em trazer o nosso cão Beque, mas tive de os deixar em terra por causa do peso. O balão não aguentava com todos, as garrafas do gás e demais provisões. Porém, como seria bom ter agora a sua companhia!

Penso que estou quase no fim da viagem e continuo a voar a cerca de mil metros de altitude. Distraio-me a observar a bússola e a verificar as cordas que seguram o balão à barquinha onde estou, a espreitar o horizonte com o óculo, esperando ver por fim as palmeiras bravas de Yoknapatawapha County e descer dos céus.

O mar é tão imenso que parece monótono: água e mais água sempre ondulante, a espelhar o sol de cada hora, por vezes alguma pequena ilha cheia de arvoredos e qualquer montanha com o pico a apontar para mim como um dedo terrestre.

As nuvens aparecem no meu caminho como se eu corresse por uma



rua atrás de um gigante fumador. Por vezes passo por dentro de uma delas, muito escura, e fico com a cara e as roupas húmidas.

Enrolo-me numa manta, está fresco por aqui. Enrolo depois, lentamente, estas folhas que escrevo porque não tenho nada melhor para fazer, enfio o rolo pelo gargalo de uma garrafa vazia, meto-lhe a rolha, bato-a com a mão e, com saudades de todos os amigos distantes, atiro-a ao mar como quem deita uma carta na caixa do correio.

Espero que não caia em cima de nenhuma cabeça, de peixe que seja, e que chegue ao destino!

Encontrar Yoknapatawapha County foi fácil, por causa das palmeiras bravas—eram assim uma espécie de placa com o nome indicativo da rua.

Quando descí e perguntei por Olga, fiquei admirado. Toda a gente a conhecia e consideravam-na até um fenómeno!

Agora percebia porque tinha ela desaparecido: entrou ali numa loja de pronto-a-vestir e ficou lá presa pelos olhos. Quase a vi transformada em manequim!

Um médico da vista, o dr. Nud, explicou-me então que Olga estava encantada e que só sairia da loja depois de a tirarmos do encantamento, para o que seria preciso deixá-la escolher e comprar todas as roupas que quisesse—e, num Verão, queria o suficiente para setenta invernos!

—Mas valem uma fortuna!—respondi eu, que tinha no bolso três moedas, não uma fortuna.

O dr. Nud ofereceu-se para me ajudar, pois tinha um plano de cura que resolvia o problema, e pediu-me por favor que aceitasse a sua oferta porque o encantamento não era de Olga apenas: muitas meninas de

Yoknapatawapha County já andavam também presas pelos olhos. Trabalhava-se portanto de uma grave doença, muito contagiosa.

Corri para a minha amiga, que mal olhou para mim pois acabava precisamente de encontrar mais um vestido ma-ra-vi-lho-so, verdadeiramente de so-nho, i-rre-sis-tí-vel! Correu a vesti-lo e vestiu a seguir tudo o que quis.

No consultório do médico, Olga tomou o remédio para o encantamento que lhe prendia os olhos: largou um a um, entre gemidos, os vestidos todos. Eram dezenas e dezenas postos no seu corpo em camadas sucessivas. Tivemos um trabalhão até esgotarmos as roupas em excesso e chegarmos à pele, mas, por fim, o dr. Nud parou. Disse a Olga:

— Vês o monte de trapos que os teus olhos encantados colavam a ti? A minha amiga nem podia acreditar. Estava curada!

Agradecemos ao médico e, na hora de regressar, entre abraços e beijos, não encontrei o balão junto das palmeiras bravas. Que teria acontecido?

As meninas de Yoknapatawapha County, encantadas com o seu pano de seda, bom para fazer vestidos diferentes, tinham aproveitado a minha ausência para o levarem todo às modistas.

Como havia eu de trazer Olga comigo para casa, agora, sem balão?

Voltámos ao consultório do dr. Nud, que me deu uma ideia para resolver este problema: vendemos os vestidos que tirámos a Olga e, com o dinheiro, corremos ao aeroporto onde comprámos duas passagens de avião.

E sabem? Provei e gostei.

Estou a ficar encantado com os aviões!

A RODA QUE SAIU DOS EIXOS

Certo dia, uma roda da minha bicicleta transformou-se em Roda Viva, saiu dos eixos e foi correr mundo.

la toda gaiteira, gira que gira, quando viu um homem, de muletas, parado na berma da estrada a pedir esmola. Roda Viva deu-lhe os bons-dias e perguntou:

—Quer vir comigo?

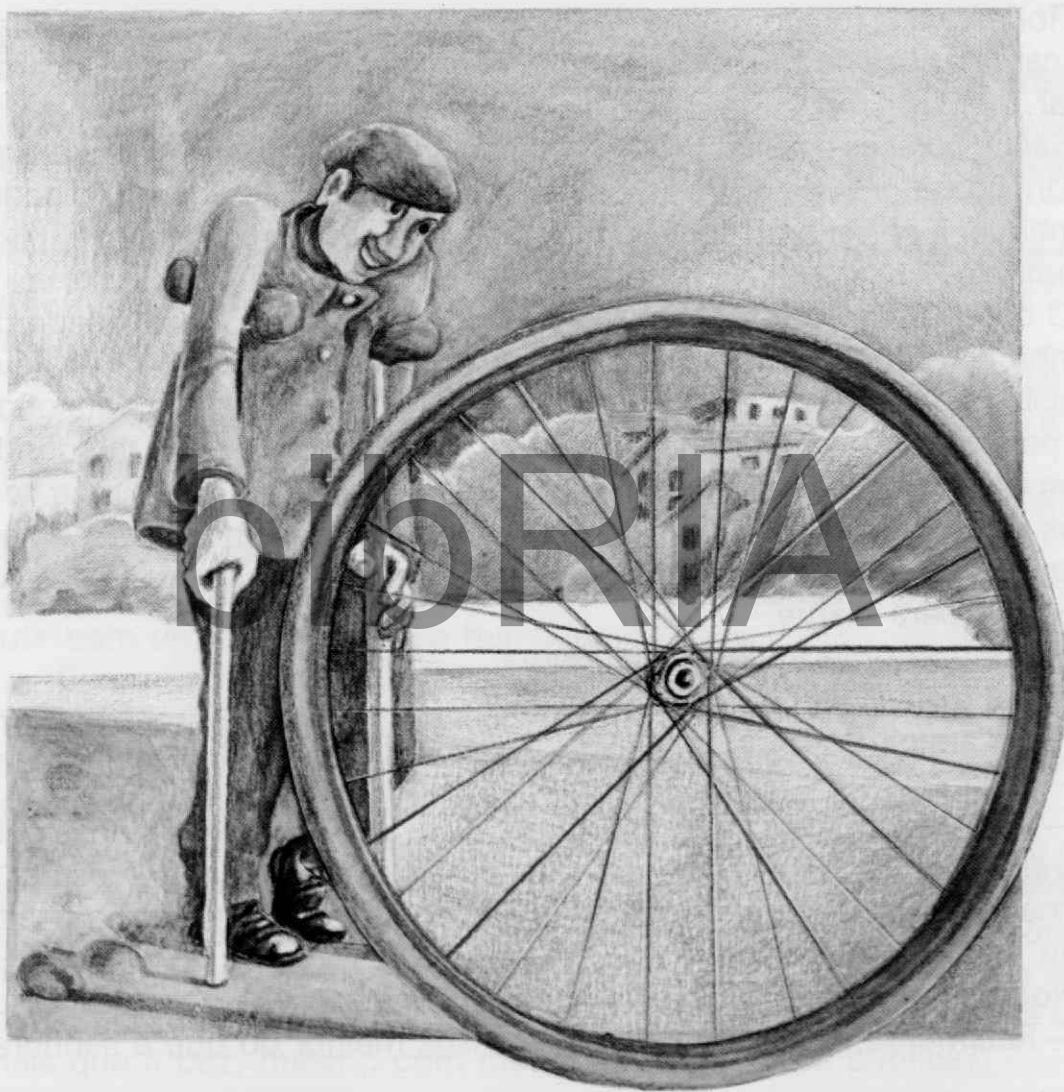
—Não tenho coragem—lamentou-se o homem.—Sinto tanto medo dos desastres...

—Mas não quer sair daí?

—Pois saiba, amiga Roda, é esse o meu problema. Dizem-me que tenho as pernas boas mas não confio nelas. Quem me garante que não me deixam cair ao chão?...

—Mas tem as muletas—observou Roda Viva.

—Sim, tenho as muletas, mas também não confio nelas porque até são piores.



Roda Viva lá foi, com pena do homem que tinha quatro pernas, duas de carne e duas de pau, e não acreditava em nenhuma para poder caminhar.

Saltou buracos e saltou pedras, estrada fora, gira que gira, gira que gira.

Um corredor tinha o seu automóvel com um pneu furado e não podia continuar a correr para a meta. Viu Roda Viva, deitou-lhe a mão e, num momento, colocou-a no lugar e partiu, satisfeito com a sua sorte.

O que a pobre sofreu! O automóvel corria não com a velocidade da minha bicicleta mas a mais de cem quilómetros por hora. Não estava acostumada, a infeliz, e até perdeu o fôlego. Deixou de saber para onde ia, para que lado era o norte e para que lado era o sul. Ficou tão dorida com as pancadas na estrada que nem podia tocar-se-lhe com uma flor, mas ajudou o carro e o corredor a cortarem a meta em primeiro lugar. Esta vitória entusiasmou-a tanto que, nem sabe como, soltou-se do eixo e correu para diante.

Encontrou uma mulher e saudou-a:

—Bons-dias! Parece mal disposta...

—Ai, amiga Roda, só queria ser redonda para ter o teu andar!

—Porquê?

—Sofro muito com cada passo que dou... Tenho de caminhar pela estrada adiante, para ir à minha vida, mas tropeço em mim mesma: a perna direita bate-me na esquerda, a perna esquerda bate-me na direita e eu fico toda magoada.

Roda Viva saltou, muito admirada, e disse:

—Realmente, um bebé sabe dar passos melhor do que a senhora.

Quando aprenderá a fazer uma coisa tão simples?

Desandou. Ganhou velocidade tão grande que subiu pelos ares.

Um soldado, que estava a treinar a pontaria na carreira de tiro, julgou que era um alvo voador; apontou-lhe a sua arma e disparou. A bala atingiu o meio da roda e deixou-lhe ficar apenas o aro com o pneu.

Muito aborrecida, Roda Viva desceu dos ares. Distraiu-se, gira que gira, por trancos e barrancos, e foi dar perto de uns meninos que brincavam num campo de flores.

—É minha! É minha!—disseram alguns deles, correndo para a agarrar.

—Eu vi-a primeiro!—disseram outros enquanto corriam. Queriam jogar ao arco e só uma roda não chegava para todos.

Embora com vontade de brincar com os catraios, Roda Viva fugiu daquele rebuliço.

À beira de um rio encontrou um cavalo muito zangado e altivo, a discutir com um burro calmo e humilde.

—Com quem julgas que estás a falar? Exijo mais maneiras! Eu sou um senhor cavalo, montam-me generais e eminências. Corro mais velozmente, na guerra e na paz; dão-me prémios e fazem-me estátuas na praça pública! E tu? És um zé-ninguém, um pobre jumento...

—Pois é, pois é, senhor cavalo! Sou um pobre jumento mas, se não for eu, quem leva o médico ao doente que vive na serra? Quem carrega o grão do moleiro até ao moinho? Quem puxa o carro do camponês? Pensa sua senhoria cavalgar que o seu general vale mais que o meu médico, o meu moleiro ou o meu camponês? Acha que a guerra vale mais que a paz, mesmo com monumento na praça pública?

Perto dali encontrou uma menina triste de cabelos encaracolados, com laçarotes. Alegrou-a, brincando com ela. Mas foi por pouco tempo. Chegaram os pais, tiraram-lhe a roda e a menina ficou a chorar, outra vez triste e sozinha. Os pais nem quiseram saber. Agarraram Roda Viva e atiraram-na para longe com tanta violência que o pneu saltou.

Ora a menina triste ficava com os anéis dos seus cabelos e não tardou a descobrir que podia brincar com eles como se fossem rodinhas.

Roda Viva, sem pneu, resolveu desandar para longe e lá foi, gira que gira, batendo nas pedras, a correr mundo.

Entrou numa grande praça da cidade, com vagares de pessoa a passear ao domingo. Num canto do largo estavam grupos de teimosos a discutir, muito excitados uns contra os outros. Afinal o mundo tinha bem pouca piada!

Perdeu toda a energia que a empurrava. Deu meia volta a cambalear, parecia cheia de sono, e começou a descer as colinas em direcção a casa.

—Vês como é perigoso andar pelo mundo, fora dos eixos?—fiz-lhe eu notar, delicadamente, logo que a vi entrar pela porta com ar arrependido.

Tive que consertar todos os estragos causados pelas suas aventuras. Quando ficou pronta, meti-a nos eixos da minha bicicleta e foi uma alegria.

Aqui vou eu agora, a pedalar em belas viagens, muito contente porque não houve mais diabruras. Mas oiço as duas rodas e os seus eixos, como moinhos, a moerem uma única conversa, que nunca mais acaba e é sempre a mesma:



DATE ENTERED: 11/11/11
COST: \$1.00
MR. J. J. J.

DATE ENTERED: 11/11/11
COST: \$1.00
MR. J. J. J.

—Sou o teu apoio, roda, exijo mais respeito! Graças a mim, podes andar em segurança! Se não fosse eu, que seria de ti?

—Que eixo peneirente! Estás aí quieto, quem gira sou eu, não te cansas mesmo nada e queres ser importante? Deixa-te disso!

—Sou mais importante, sim senhor! Por isso estou parado, tu é que giras em volta de mim...

—Mas sou eu que faço as viagens! Sem mim, que utilidade terias?...

Estas discussões já estão a aborrecer-me. Tenho de olear os eixos da minha bicicleta para deixar de ouvir a cegarrega.

bibRIA

A Roda Que Saiu dos Eixos
82-93 MOT

000470



Nº de Registo: 000470

Data Entrada: 9/3/1999

Cota: 82-93 MOT

M.F.N.: 1248



COLECÇÃO ASA JUVENIL

1	O SENHOR VENTO E A MENINA CHUVA Virginia Motta / Lisa Couwenbergh	29	A VASSOURA MÁGICA Luísa Ducla Soares / Paula Oliveira
2	O CÃO, O GATO E A ÁRVORE Leonel Neves / Luísa Brandão	30	ANA-ANA Ilse Losa / Manuela Bacelar
3	O MANEQUIM E O ROUXINOL António Torrado / João Machado	31	O REINO PERDIDO Álvaro Magalhães / Manuela Bacelar
4	COMO SE FAZ COR-DE-LARANJA António Torrado / João Machado	32	AQUELA NUVEM E OUTRAS Eugénio de Andrade / Júlio Resende
5	A CAIXA Sérgio Godinho / «Zingaro»	33	A MENINA GOTINHA DE ÁGUA Papiniano Carlos / João Nunes
6	A NUVEM E O CARACOL António Torrado / Lisa Couwenbergh	34	CONTOS DO TAPETE VOADOR José Jorge Letria / Rui Truta
7	A ABELHA ZULMIRA Teresa Balté / Maria Keil	35	ORA OUVI... Ilse Losa / Manuela Bacelar
8	UM FIDALGO DE PERNAS CURTAS Ilse Losa / João Machado	36	CONTOS AMARANTINOS Agustina Bessa-Luís / Manuela Bacelar
9	A ALDEIA DAS FLORES António Mota / Luísa Brandão	37	A RODA QUE SAIU DOS EIXOS Arsénio Mota / Luísa Brandão
10	O OURIÇO-CACHEIRO ESPREITOU 3 VEZES Maria Alberta Menéres / António Modesto	38	A GAIVOTA DO MAR Maria Maya / Paula Oliveira
11	O MEIO GALO Luísa Ducla Soares / João Machado	39	O HOMEM QUE NÃO QUERIA SONHAR E OUTRAS HISTÓRIAS Álvaro Magalhães / António Modesto
12	JOÃO E GUIDA Ilse Losa / Luísa Brandão	40	A SEMANA DOS NOVE DIAS Vergílio Alberto Vieira / Crisóstomo Alberto
13	ESTRELINHA, O GATO ASTRONAUTA Madalena Gomes / João Machado	41	O ARQUITECTO CHINÊS João Paulo Seara Cardoso / Manuela Bacelar
14	QUEM PODE PARAR O VENTO? Manuel Ferreira / Luísa Brandão	42	MARCELLA, UMA AMIGA QUE VEIO DE LONGE Daniel Marques Ferreira / Crisóstomo Alberto
15	BEATRIZ E O PLÁTANO Ilse Losa / Lisa Couwenbergh	43	FAÍSCA CONTA A SUA HISTÓRIA Ilse Losa / Horácio
16	NA QUINTA DAS CEREJEIRAS Ilse Losa / João Machado	44	DO TAMANHO DO CORAÇÃO Pedro Veludo / Luísa Brandão
17	A FLOR AZUL Ilse Losa / Lisa Couwenbergh	45	O DISCO VOADOR Luísa Ducla Soares / Paulo Bastos
18	O MENINO CHAMADO MENINO Álvaro Magalhães / Manuela Bacelar	46	UMA HISTÓRIA EM QUADRADINHOS António Torrado / Maria Alberta Menéres / Rui Truta
19	OS MEUS AMIGOS António Torrado / Raúl Ramalho	47	AS COISAS João Miguel Figueiredo Silva / Fátima Rolo Duarte
20	VIAGEM COM WISH Ilse Losa / João Machado	48	OS TRÊS PRESENTES Álvaro Magalhães / Paula Oliveira
21	AVENTURAS DA ENGRÁCIA Maria Alberta Menéres / Marcello Urgeghe	49	A NUVEM COR-DE-ROSA Arsénio Mota / Júlio Resende
22	A MINHA MELHOR HISTÓRIA Ilse Losa / Luísa Brandão	50	UM ARTISTA CHAMADO DUQUE Ilse Losa / Manuela Bacelar
23	O ELEFANTE NÃO ENTRA NA JOGADA António Torrado / Zé Paulo	51	UMA BRUXA NA FLORESTA DE PEDRA Alexandre Honrado / Rui Truta
24	O QUADRO ROUBADO Ilse Losa / João Nunes	52	A SEMENTE MÁGICA Daniel Marques Ferreira / Crisóstomo Alberto
25	HISTÓRIAS PEQUENAS DE BICHOS PEQUENOS Álvaro Magalhães / João Machado	53	AS MENINAS DE LA MANCHA Sara Horta Monteiro / Assunção Cabrita
26	JOÃO AR-PURO NO PAÍS DO FUMO José Jorge Letria / Paula Oliveira	54	É PRECISO CRESCER Luísa Ducla Soares / Crisóstomo Alberto
27	O LUXO DA GATA MAFALDA Garcia Barreto / Paula Oliveira	55	ZBIRIGUIDÓFILO E OUTRAS HISTÓRIAS Pitum Keil do Amaral / Luísa Brandão
28	HISTÓRIA DA ÉGUA BRANCA Eugénio de Andrade / Manuela Bacelar	56	HISTÓRIAS DO ESPELHO DA LUA José Jorge Letria / Paula Oliveira

bibRIA



EDIÇÕES ASA

Sede

R. Mártires da Liberdade, 77 / Apartado 4263 / 4004 PORTO CODEX
Telefs. 2002279-70 / 2014183 / 2014672 / Telex 24389 P/ Telefax 2013808

Delegação

Av. Dr. Augusto de Castro, Lote 110 (Chelas/Olivais) / 1900 LISBOA
Telefs. 8372176 / 8372325 / Telex 64894 P/ Telefax 8597247

bibRIA

Depósito Legal N.º 114 661/97

© Copyright Edições ASA, 1987

Novembro de 1997/2.ª Edição

Execução Gráfica

EDIÇÕES ASA – Divisão Gráfica

Rio Tinto/Portugal